

# Dossiê Temático

## Enfoques contemporâneos sobre os estudos do cuidado

**Fabio de Medina da Silva Gomes (org.)<sup>1</sup>**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

**Ludmila Rodrigues Antunes (org.)<sup>2</sup>**  
Universidade Federal Fluminense

<sup>1</sup> Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense (2020), com período sanduíche na Universidade de Buenos Aires. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal Fluminense (2015). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Pesquisador do Instituto de Estudos Comparados em Administração de Conflitos (INCT-InEAC) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Direito, Estado e Sociedade (PPDES-UNEMAT). Atualmente, é professor contratado da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Campus René Barbour.

<sup>2</sup> Possui Doutorado em Ciências Econômicas (2001) pela Universidade Estadual de Campinas, pós-doutorado no Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro com bolsa pós-doutorado sênior FAPERJ (2009); possui Especialização em Sindicalismo e Economia do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas (1994) e Graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1983). É Professora Associada na Universidade Federal Fluminense desde 2011 e do Departamento de Segurança Pública da UFF desde 2016(DSP/IAC/UFF).

O presente dossiê reúne um conjunto de pesquisas que abordam questões contemporâneas no campo dos Estudos do Cuidado, contando com artigos de antropólogos, bem como por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Trata-se de autores vinculados à Instituições de Ensino Superior (IES) espalhadas pelas cinco regiões brasileiras. Há também um artigo de autores vinculados ao *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET), da Argentina. Os trabalhos apresentados adotam uma diversidade de abordagens metodológicas, que vão além das opções tradicionais da Antropologia Social. Entre essas opções utilizadas estão a etnografia, a pesquisa documental, a praxiologia, entre outros caminhos investigativos. Essa variedade de perspectivas, disciplinar, regional e metodológica, reflete a própria configuração dos Estudos do Cuidado, também conhecidos como *Care Studies*. Constituído como campo de pesquisa no final do século XX, com contribuições fundamentais de autoras como Carol Gilligan e Joan Tronto, os Estudos do Cuidado têm se firmado como um espaço de diálogo interdisciplinar. Nele convergem pesquisadores das Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e da Saúde, o que se traduz na multiplicidade de olhares e estratégias metodológicas presentes nos artigos que compõem este dossiê. Com destaque para a economia feminista que tem tratado esse campo de investigação de forma privilegiada.

A princípio, cumpre esclarecer que os Estudos do Cuidado entendem por cuidado uma categoria ambivalente, conotando um amplo aspecto de ações. Entre elas, algumas praticadas pelo Estado, voltadas a atender certos segmentos da população, bem como outras realizadas por uma rede de pessoas atendendo necessidades de outros ou de si mesmo. Há, ainda um consenso, no conjunto dessas pesquisas, de que a divisão sexual do trabalho do cuidado encerra uma profunda desigualdade de gênero. Muitas dessas pesquisas revelam que feminilização do cuidado se traduz em um trabalho muitas vezes gratuito ou mal remunerado, com forte demanda emocional (TRONTO, 2007; HIRATA e DEBERT, 2016; GOMES, 2021, 2022; FERNÁNDEZ-LORCA e ORTIZ-RUIZ, 2025). Na América Latina, mudanças demográficas profundas, como o envelhecimento populacional acelerado e a baixa natalidade, têm provocado um aumento da demanda do cuidado. E ao mesmo tempo, há menos pessoas disponíveis para se dedicar às atividades do cuidado. Instaurando assim, uma crise de cuidado na região. E, há que ser sublinhado, o desvanecimento de políticas públicas nesse setor. Realidade que se agudizou ainda mais com as consequências da pandemia de COVID-19 (FERNÁNDEZ-LORCA e ORTIZ-RUIZ, 2025).

Nas últimas quatro ou cinco décadas, as Ciências Sociais passaram a considerar o cuidado como um objeto relevante, criando reflexões sobre um grande número de novas problemáticas. Destacam-se, dentre elas, a ética do cuidado; a interação face a face de provedores de cuidado e cuidadores; a dimensão emocional do cuidado; lógicas políticas e padrões institucionais dos regimes de bem-

estar social; redes internacionais de migração dos trabalhadores do cuidado; o eco-cuidado, um aporte teórico para refletir sobre a relação entre o bem-estar do ser humano e a saúde do meio ambiente; o uso de tecnologias nas práticas do cuidado; tal qual as relações entre produção e reprodução (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2008; HOCHSCHILD, 2012; SORJ, 2021; HIRATA, 2022; ENGEL e FIETZ, 2023; FEDERICI, 2023).

Nesse sentido, muitas autoras e autores se dedicam a compreender as questões envolvendo os Estudos do Cuidado. Heike Drotbohm (2022) recorda a definição estabelecida no campo das teorias do cuidado por Berenice Fisher e Joan Tronto. Para essas duas autoras, cuidado é uma prática inerente à condição humana, que abrange todas as ações voltadas à conservação, sustentação e restauração do nosso “mundo”, com o objetivo de garantir uma vida tão plena quanto possível dentro dele. Esse mundo engloba nossos corpos, nossa identidade e o ambiente ao nosso redor, os quais procuramos conectar em uma teia intrincada que possibilite a continuidade da vida. Cumpre destacar que, para Heike Drotbohm (2022), esse conceito possui suas limitações, uma vez que ao focar na dimensão de conforto e reparo pode significar esquecer de outras perspectivas como aperfeiçoamento, progressividade e mudança. Segundo a autora, essas novas abordagens só muito recentemente foram levadas em consideração.

A mesma autora destaca uma dicotomia importante no cuidado. Uma contradição constante entre duas facetas do cuidar, de um lado o cuidado como reparo ou preservação do mundo como ele se apresenta e de outro como melhora, desenvolvimento, progresso para o futuro. Uma dimensão conservacionista e outra transformativa, numa negociação quase infinita. A autora relembra também que cuidar significa, uma escolha. Significa uma classificação entre quem ou o que deve ser cuidado e quem ou o que não deve ser cuidado (DROTBOHM, 2022).

## Breve notas sobre a história desse campo de pesquisa

Ainda na década de 1980, a publicação de *Different Voice: Psychological Theory and Women's Development* (1982), de autoria de Carol Gilligan, foi importantes para todo o desenvolvimento posterior dos Estudos do Cuidado. A autora apontou não apenas o apagamento das vozes femininas nas construções da ética filosófica, como abordou a possibilidade de pensar a ética do cuidado como uma resistência epistemológica. Os seus trabalhos explicam como as teorias do desenvolvimento moral de então se centravam nas experiências masculinas. Nesse sentido, a autora sustentou que as narrativas contra hegemônicas, oriundas de sujeitos historicamente subalternizados, assumem centralidade ao ampliar os horizontes éticos e epistemológicos. Tal valorização decorre da emergência de uma perspectiva até então marginalizada e desqualificada, que revela a vivência moral situada da mulher em sociedades patriarcais, nas quais o cuidado é tradicionalmente associado ao feminino. Nesse contexto, a ética do cuidado, enquanto voz dissidente, propõe a revalorização da experiência vivida e da percepção moral feminina, contribuindo para a construção de uma abordagem ética sensível à alteridade e à complexidade das relações humanas (GILLIGAN, 1982).

Apesar de Carol Gilligan ser, em seguida, muito criticada, o seu estudo abriu um campo de debates que permanece até a atualidade. Nesse esteio, Joan Tronto (1993) relacionou a democracia à ética do cuidado, ressaltando que a definição ampliada de cuidado como “tudo o que fazemos para” abrangendo múltiplas formas de agência, articulando dimensões éticas, afetivas e práticas. Tronto distin-

gue, sem dissociar, a “manutenção” do cuidado, o tradicional “trabalho de cuidado”, e a busca por uma vida “boa”, expressa na ideia de “tão boa quanto possível”. O cuidado “integrado” envolve atitudes como “se importar com” e “cuidar de”, sustentadas por ações concretas como “dar cuidados” e “receber cuidados”. Essa abordagem transcende a moralidade individual, constituindo uma política do cuidado com efeitos materiais. Na ética feminista, o cuidado é visto como essencial à teia da vida, valorizando a interconexão e a interdependência, mesmo diante da rejeição à “dependência” nas sociedades modernas. Embora o “trabalho de dependência” revele situações de vulnerabilidade, a interdependência é reconhecida como condição ontológica comum, sem que isso implique oposição entre dependência e autonomia (BELLACASA *et al.*, 2023).

Allain Caillé (2014) recorda que, para Tronto, o cuidado refere-se a um processo com quatro fases, a saber, *caring about* (percepção de uma necessidade e a conveniência no seu atendimento), *taking care of* (responsabilidade em ocupar-se com essa situação), *care-giving* (prática do cuidado com dispensa de determinada competência), e, por fim, *care-receiving* (reação da pessoa que recebe o cuidado, sendo ele o único a dizer se o cuidado foi efetivo). Essa última etapa diz da receptividade como aspecto central do cuidado. Essa análise sobre o cuidado em quatro fases retoma, irremediavelmente, a perspectiva de dar, receber e retribuir de Marcel Mauss<sup>3</sup>.

Outra autora que contribuiu significativamente para o campo, sem se apartar da questão da feminilização do trabalho do cuidado foi Arlie Russell Hochschild, especialmente com a publicação de *Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*, em 1983 e, com coautoria de Anne Machung, *The Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home*, em 1989. Ela se preocupou com uma dimensão conhecida como “trabalho emocional”, se referindo a determinados padrões emocionais entendidos como ideais na interação social. Para além, se dedicou a compreender a questão da divisão gênero nessas dinâmicas do “trabalho emocional”. A autora vai demonstrar também que existe uma cadeia, uma rede internacional de cuidado. Esse fluxo começa nos países do Sul em direção ao Norte Global, acarretando um enfraquecimento das redes de cuidado, famílias e comunidades dessas mulheres migrantes nos seus países de origem. Um arranjo com custos emocionais profundos. A autora investiga o cotidiano de famílias de distintas classes sociais na segunda metade dos anos 1980, revelando tensões entre dois paradigmas de cuidado: o tradicional, centrado na mulher como principal responsável pelo lar e pelo trabalho, e o igualitário, pautado na divisão equitativa das tarefas entre os cônjuges. Esses conflitos se manifestam não apenas nas disparidades entre classes sociais, mas também nas dinâmicas conjugais e nas inquietações subjetivas geradas por uma consciência dividida entre modelos opostos de cuidado.

Outra contribuição relevante para o campo foi a publicação do livro *Forced to Care: Coercion and Caregiving in America*, de autoria de Evelyn Nakano Glenn, já no ano de 2010. Ela propôs uma leitura inovadora sobre o trabalho de cuidado nos Estados Unidos. Para tanto, revelou os dois eixos de suas origens, as formas de trabalho forçado, como a escravidão, além do cuidado não remunerado realizado no âmbito familiar. Ao reunir essas dimensões em uma mesma análise, ela evidencia como o cuidado terminou sistematicamente desvalorizado e excluído de direitos básicos, como salário-mínimo, aposentadoria e proteção traba-

<sup>3</sup> Infelizmente, no presente artigo, não teremos espaço para aprofundar as relações entre cuidado e dádiva.

lhista. A autora revelou os mecanismos de controle que condicionam muitas mulheres para posições de cuidado intensivo, invisibilizado e precarizado. Isso ocorre de forma muito mais perceptível com as mulheres racializadas e pobres.

Em consonância com todo o exposto por essas autoras, os estudos do cuidado consolidaram uma abordagem ética e política que reconhece o cuidado como prática fundamental à vida social, atravessada por relações de gênero, classe, raça e cidadania. Essa perspectiva rompe com modelos morais universalizantes ao valorizar experiências situadas, especialmente aquelas historicamente marginalizadas, e propõe uma ética sensível à alteridade e à complexidade das relações humanas. O cuidado é compreendido como trabalho, afeto e responsabilidade, articulando dimensões emocionais e materiais, individuais e coletivas. Ao ser associado à manutenção da vida, o cuidado revela sua centralidade na organização social, ao mesmo tempo em que expõe as desigualdades que o atravessam, desde sua feminilização e racialização até sua desvalorização econômica e jurídica. A interdependência, antes vista como fragilidade, passa a ser reconhecida como condição ontológica comum, exigindo uma reconfiguração das políticas e das práticas que sustentam o viver em sociedade.

## O Cuidado no âmbito da Antropologia

Heike Drotbohm (2022) propôs uma base conceitual antropológica sobre o cuidado. Num primeiro momento, ela recorda que os estudos do cuidado, na Antropologia Social derivam de múltiplos outros campos, como da economia feminista, dos estudos de parentesco, antropologia da saúde e até das pesquisas sobre humano e animal. A autora, então, decide explorar três subáreas desse campo de pesquisa. Primeiramente, ela estuda o cuidado como reprodução, depois, o cuidado como assimetria institucionalizada, e por fim, o cuidado para além do excepcionalismo humano.

O debate sobre a reprodução constitui um estudo clássico no campo das teorias do cuidado, Heike Drotbohm (2022) tece considerações sobre como existe uma semelhança entre essa ideia e as concepções do dom de Marcel Mauss. O cuidado é compreendido como um tipo de presente feminino, discreto, invisível e por isso mesmo, desvalorizado. Como já referido anteriormente, essa concepção foi muito estudada no século XX, no início dos Estudos do Cuidado. Em torno da década de 1970, estudos feministas chamaram a atenção para a relação entre a economia, o trabalho doméstico não pago e a reprodução social. Dessa forma, Silvia Federici (2019: 40), já tecia importantes considerações sobre a necessidade política de um salário para o trabalho doméstico, nas suas próprias palavras “a única perspectiva revolucionária de um ponto de vista feminista”, exatamente porque seria uma forma de desmistificar a ideia de um trabalho exercido por amor, diante de uma suposta natureza feminina do cuidado.

Refletindo algumas dessas problemáticas, Carrasco, Borderías e Torns (2011), partindo de uma perspectiva histórica, afirmam que o sistema de reprodução social envolve estrutura familiar, estrutura de trabalho assalariado e não assalariado, além do papel do Estado na reprodução da população. Ele pode ser entendido como um conjunto complexo de tarefas, trabalhos e energias para reproduzir a população e, especialmente, a própria força de trabalho assalariado. Esse processo determina a posição das pessoas no mercado de trabalho. Desse modo, o lugar ocupado por essas atividades remonta à transição para o capitalismo liberal, redefinindo as relações de gênero.

El desplazamiento de los cuidados desde el servicio doméstico o 'la comunidad' al ámbito privado de la familia, y de las redes femeninas de cuidados, asalariadas o no, a la madre, fue un proceso ciertamente lento y dificultoso, máxime entre las clases trabajadoras dadas las altas tasas de actividad femenina de la época. (CARRASCO, BORDELIAS e TORNS, 2011: 21)

Todos esses debates sobre a reprodução acarretaram, de igual maneira, mudanças nos estudos antropológicos sobre parentesco, na própria abordagem sobre a definição de família e dos modos de relacionalidade. Essas concepções ajudam a entender famílias separadas pela migração e que mantêm redes de cuidado ativa por meio, por exemplo, do envio de dinheiro (DROTBOHM, 2022).

Na América Latina, como visto anteriormente, o cuidado tem sido identificado como um termo também polissêmico, significando o cuidado do outro, o indispensável para assegurar necessidades básicas, o autocuidado, além das próprias condições de realização do cuidado, como o cuidado da casa. Ele tem sido realizado majoritariamente dentro dos lares e por mulheres (ENRÍQUEZ, 2015). No Brasil, destaca-se uma centralidade das redes sociais no fornecimento desse cuidado, como as redes familiares ou redes de vizinhança. Desse modo, os membros das famílias, principalmente as mulheres, são responsáveis primordialmente pelo suprimento dessas necessidades, contudo, destaca-se também as atividades das empregadas domésticas e diaristas. Dessa maneira, o mercado figura também como um dos grandes provedores do cuidado (HIRATA, 2022). Por óbvio, impossível não mencionar a questão étnico-racial que acompanha esses debates do Trabalho Doméstico Remunerado-TDR (GONZÁLEZ, 2020).

Após se deter na questão do cuidado como reprodução e de como a Antropologia introjetou essas problemáticas nas suas agendas de pesquisa, Heike Drotbohm (2022) chama atenção para aquilo que denominou institucionalização do cuidado, em hospitais, escolas, abrigos, instituições do sistema de justiça, entre outros. Nesses ambientes, desde séculos, o cuidado já era vinculado às diversas relações de desigualdade. O cuidado aparecia como forma de manutenção de hierarquias, de lealdades. Tratava-se de uma troca inteiramente desigual, muitas vezes. O processo de cuidado institucional, nessa lógica de assimetria institucionalizada, de um lado, definindo uns como necessitado e vulnerável e outros como capazes e provedores, no que Heike Drotbohm chama de subjetivação mútua. Essas trocas desiguais criam concepções de sociedade baseadas nessas percepções de poder, necessidade e capacidade. Em muitos Estados, Organizações Não Governamentais ou outras instituições, prossegue a autora, ser reconhecido como alguém necessitado e incapaz é a chave para ter acesso a determinados benefícios sociais, por exemplo.

Esta natureza disciplinar do cuidado fica ainda mais clara nos estudos sobre condições mais rígidas estabelecidas para o provimento de cuidado institucionalizado. Por exemplo, examinando processos de categorização envolvidos no fornecimento de assistência a mulheres Romani pobres migrantes na Espanha, Vrăbiescu e Kalir analisaram as punições aplicadas a mulheres que não se encaixavam nos ideais de “boas mães”, “esposas decentes” ou “trabalhadoras dedicadas”. Intervenções punitivas – que incluíam o corte de benefícios sociais, o despejo das moradias e, principalmente, a perda da guarda e a deportação forçada para seus supostos países de origem – revelam, mais uma vez, o lado repressivo, ou brutal, do Estado “cuidador” (DROTBOHM, 2022: 9).

Essas questões trazidas pela autora ajudam a questionar como o Estado elege pessoas aptas para tratamentos de saúde, refúgio ou programas sociais. O cui-

gado se manifesta, dessa forma, como política e controle, conforme um sem-número de pesquisas revelam. Esse contexto fica ainda mais complicado quando o Estado decide, de propósito, retirar o cuidado, abandonando certas políticas sociais. Outro assunto sério se reflete nos estudos sobre ajuda humanitária, e de como isso pode acarretar uma dinâmica muito desigual entre Norte e Sul global, devido às condições impostas para essa ajuda.

Uma das últimas questões colocadas em pauta na agenda de uma antropologia do cuidado é o envolvimento de múltiplas espécies de seres. Nesse sentido, Donna Haraway desconstruiu a ideia de que entender o ser humano como excepcional frente à natureza, no chamado “giro multiespécie”, que influenciou muitos antropólogos. Isso leva ao questionamento se deve existir uma fronteira do cuidado na nossa própria espécie.

Ao mesmo tempo, os antropólogos que estudaram a esfera política da ética e da defesa dos animais por meio de, por exemplo, preservação de aves, reservas de chimpanzés (HUA & AHUJA 2013) ou preservação da vida selvagem (BOCCI, 2014) produziram insights para se repensar como as fronteiras humanas são delineadas segundo percepções de diferenças e semelhanças, bem como de entrelaçamento mútuo, em relação a outras espécies. Na etnografia *The Mushroom at the End of the World*, de Tsing, os apanhadores canadenses de cogumelos cultivam uma “arte da observação” própria (TSING 2015), que pode servir como um exemplo das “ético-ontoepistemologias” (SHOTWELL 2016:116) que estudam como o entrelaçamento entre ética, conhecimento e existência é concebido. De acordo com esse entendimento, o cuidado reconhece a dor e o sofrimento de outras espécies e, por isso, busca uma forma colaborativa de sobrevivência. As incômodas questões éticas referentes a se os atos de matar indivíduos animais ou de levar uma espécie à extinção podem ser justificados como uma forma de cuidar de outra espécie já estão implícitas nestas zonas de interação (Bocci 2014; LAW 2010). (DROTBOHM, 2022: 10-1)

Diante de todo o exposto, muitas pesquisadoras e pesquisadores vêm desenvolvendo a ideia de três perspectivas sobre o cuidado: a reprodução, a institucionalização e o cuidado entre outras espécies. Sendo assim, como pensar essas e outras possíveis dimensões de uma antropologia do cuidado? Na tentativa de contribuir com deambulações sobre esse questionamento, construímos a proposta do presente dossiê. Ele conta com artigos sobre temáticas contemporâneas do cuidado, abrangendo pesquisas em diversos territórios diferentes e que utilizaram várias metodologias distintas. Os artigos acolhidos no presente dossiê foram organizados conforme sua temática. Os primeiros deles são artigos sobre o cuidado como reprodução. Logo após, estão os artigos que estudam o cuidado na sua faceta institucionalizada. E, por fim, temos um artigo sobre o cuidado multiespécies.

Lucia Eilbaum e Camila Belisário, são autoras do artigo intitulado *A casa, o cuidado e as violências a partir de narrativas de mulheres que denunciam a violência doméstica*. O artigo analisa como os sentidos de cuidado e de casa são afetados por experiências de violência doméstica, a partir de denúncias públicas de mulheres. A pesquisa se baseia em etnografias em que a casa emerge como espaço ambíguo, simultaneamente cenário de agressões e símbolo de segurança desejada e lugar de reivindicação por direitos.

Karolyna Marin Herrera e Sarah Luiza de Souza Moreira escreveram *Trabalho de cuidados no cotidiano das mulheres rurais*, uma relevante pesquisa sobre o trabalho do cuidado em ambiente rural no Oeste catarinense e no âmbito do Grupo de Trabalho (GT) Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), apontando para uma dedicação de mulheres à humanos e não humanos, além de outras peculiaridades do trabalho em regiões rurais.

No artigo denominado *O que querem as patroas? Trabalho doméstico remunerado e as expectativas patronais sobre a relação*, Julia Vargas explora expectativas e percepções patronais de empregadoras domésticas e como essas representações perpassam pelas próprias vivências e moralidades dessas mulheres, em Campinas (SP) e Londrina (PR).

Rose Aparecida Ferreira Ribeiro e Lenin dos Santos Pires são autores de *Elas cuidam, o Estado silencia: a invisibilidade jurídica e social das cuidadoras de idosos*, em que se estuda questões sobre a falta de reconhecimento das cuidadoras de idoso como uma profissão estabelecida.

Marilha Reverendo Garau, em “*Quem estava com seus filhos enquanto você cometia o crime?*”: representações sobre cuidado materno na narrativa judicial em audiências de custódia de mães e gestantes no Rio de Janeiro, explora por meio da análise dos casos apresentados, uma reflexão crítica acerca da resistência de promotores e magistrados em adotar medidas alternativas ao encarceramento de mulheres no Rio de Janeiro para mães e gestantes durante as audiências de custódia.

Em *Infâncias roubadas, trabalho infantil e de cuidados no Brasil*, Mariane Pereira Rodrigues e Thauan José Pastrello Silva analisam o trabalho doméstico e de cuidados realizado por crianças e adolescentes no Brasil, com foco nas meninas negras em situação de pobreza. O estudo aborda os impactos dessa exploração na infância, educação e desenvolvimento biopsicossocial.

Maria Gabrielle Fernandes Vieira de Sousa, Moema de Souza Báfica, Cristiane Ribeiro, Bianca Medeiros de Oliveira, no artigo *Oferta pública de cuidado infantil e (des)igualdade de gênero no trabalho reprodutivo: evidências municipais no Brasil a partir do Datacuidados (2015-2024)*, explicam como a oferta pública de creches e pré-escolas pode reduzir desigualdades de gênero no trabalho reprodutivo no Brasil, marcado pela sobrecarga feminina em cuidados não remunerados. Utilizando dados da plataforma DataCuidados (2015-2024) e revisão bibliográfica, conclui que mulheres, especialmente negras e de baixa renda, continuam sendo as principais responsáveis pelo cuidado. A ampliação e melhoria dessa oferta pública são apontadas como caminhos para promover maior equidade social.

*Entre o cuidado e a vulnerabilidade: perspectivas médicas e jurídicas sobre a proteção à pessoa idosa no Brasil* é um artigo de Hector Figueira e Janete Soares Martins no qual se analisa a proteção da pessoa idosa no Brasil a partir de uma abordagem interdisciplinar do cuidado, considerando aspectos jurídicos, médicos e sociais. Com base em revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com cuidadores, a pesquisa destaca a persistência de maus-tratos e os desafios enfrentados na garantia de direitos. Os resultados revelam que, apesar do cansaço extremo enfrentado por cuidadores, não se evidenciou intenção lesiva em suas ações. O estudo reforça a importância de políticas públicas integradas, formação adequada e aplicação efetiva da legislação para assegurar o cuidado digno à população idosa.

Em *Cuidado, Valor e o Espaço Seguro Digital: A Women Game Jam na Argentina*, Mariano Perelman e Ivana Bachmanovsky investigam a *Women Game Jam* na Argentina como uma prática de cuidado coletivo no desenvolvimento de videogames. Por meio de etnografia digital, analisa o papel de organizadoras e *madrimentoras* na criação de um espaço seguro e inclusivo para mulheres, pessoas trans e não binárias. O estudo propõe entender esse cuidado como parte de uma economia afetiva que promove vínculos, escuta e acolhimento, gerando valor mesmo em ações voluntárias e não remuneradas. Ao ampliar a noção de trabalho

de cuidado, o artigo destaca sua presença em ambientes digitais ligados à tecnologia, trabalho e gênero.

Francielly Silva Costa Alves Rocha é autora de *Entre cuidado e controle: moralidades, burocracias e relações familiares no Conselho Tutelar*. O artigo examina a atuação do Conselho Tutelar em conflitos familiares, destacando como o cuidado materno é avaliado sob uma lógica de vigilância e suspeita. Com base em pesquisa etnográfica na Baixada Fluminense, mostra-se que as ações do Conselho seguem moralidades institucionais que classificam práticas familiares como legítimas ou desajustadas. Embora se apresente como cuidado, a atuação é marcada por burocracia e controle, revelando uma resposta estatal mais voltada à normatização do que à efetiva proteção das infâncias e suas famílias.

No artigo “*Não se vai ao mundo do outro impunemente*”: *a urgência de cuidar de quem cuida*, Fernando Lana Ferreira, Larissa Fonseca Diniz Freitas e Jossilayne Andrade de Souza examinam relatos de profissionais que apoiam pessoas em sofrimento, revelando os limites e dores que enfrentam. Utilizando Análise Temática, identificam sentimentos recorrentes como empatia e impotência, evidenciando o alto custo emocional do cuidado. A reflexão filosófica e antropológica mostra que cuidar é um ato ético e existencial, com profundo impacto sobre quem o realiza.

Em *Acolhimento e cuidado na cooperação acadêmica internacional*, Silvia Garcia Nogueira, Paulo Cesar Marins Nunes, Fábio Marques de Souza discutem o acolhimento de estudantes lusófonos em universidades brasileiras como uma forma de cuidado, defendendo práticas e políticas de inclusão social efetivas e afetivas. Baseia-se em percepções coletadas em pesquisas etnográficas realizadas entre 2009 e 2022 e apresenta desafios enfrentados, junto a sugestões para superá-los.

Vivian Lara Cáceres Dan no artigo *Entre o cuidado e a negligência: desafios da atuação do Conselho Tutelar na proteção integral da infância e o mito de Procusto* aborda a violência intrafamiliar, com foco nos desafios para combater a negligência parental contra crianças e adolescentes. Analisa as causas da negligência, seus impactos no desenvolvimento infanto-juvenil e o papel do Conselho Tutelar na prevenção e intervenção. A pesquisa, de caráter bibliográfico, documental e de campo, conclui que é necessário fortalecer o sistema de garantias de direitos, diante da distância entre as normas de proteção e sua aplicação prática.

Ana Beatriz Nogueira Pereira e Sabrina Finamori, em *Práticas e movimentos de cuidados coletivos: interfaces com a Política Municipal de Cuidado de Belo Horizonte (MG)*, debatem os cuidados coletivos a partir da interação entre movimentos sociais e políticas públicas em Belo Horizonte. Com base em pesquisa etnográfica, analisa como práticas ancestrais de cuidado têm sido mobilizadas na articulação entre Estado e ativismos, ampliando o entendimento sobre cuidado como ação política e comunitária.

*Grupos e dispositivos associativos de familiares na Atenção Psicossocial: diálogos entre gênero, cuidado e políticas públicas em saúde mental* é um artigo de autoria de Vanessa Herdy e Laura Lowenkron. Nele, as autoras investigam como o cuidado em saúde mental é familiarizado e feminizado no cotidiano de cuidadoras familiares, destacando seu papel na Reforma Psiquiátrica Brasileira. Com base em relato etnográfico em um Centro de Atenção Psicossocial do Rio de Janeiro, analisa espaços coletivos como assembleias e grupos de acolhimento, evidenciando que, além de apoio, esses ambientes também revelam tensões e divergências sobre os significados do (auto)cuidado.

Cecilia López, Caue Rodrigues e Natália Inês Schoffen Correa são autoras de *O cuidado comunitário e a produção social da vida em território periférico no sul do Brasil: uma análise interseccional*. O artigo apresenta uma pesquisa antropológica sobre práticas de cuidado em um território periférico de São Leopoldo-RS, durante a pandemia de COVID-19 e a crise climática. A partir de narrativas de lideranças locais, analisa como dinâmicas de gênero e raça se articulam ao cuidado coletivo. Destaca-se o papel de redes comunitárias na manutenção da vida e a importância do cuidado como responsabilidade compartilhada entre Estado e sociedade para promover equidade.

Em *Como se Faz o Cuidado na Escola: Uma Praxiografia com Auxiliares de Apoio*, Naim Rodrigues de Araújo apresenta uma praxiografia do cuidado escolar com base em pesquisa etnográfica realizada entre 2023 e 2025 em uma escola pública de Belo Horizonte. Acompanhando o trabalho dos Auxiliares de Apoio ao Educando, analisa como o cuidado emerge de gestos cotidianos, vínculos e imprevistos, mesmo em contextos de precariedade. Inspirado em Annemarie Mol, propõe o cuidado como prática relacional e política do possível, essencial para a permanência escolar e para a construção coletiva de uma vida habitável.

*A tecnologia cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos: a manipulação de plantas medicinais* é artigo de Majin Silva dos Santos, em que a autora, por meio de uma etnografia, constrói dados sobre o cuidado multiespécie. Este artigo analisa a tecnologia do cuidado e os arranjos de gênero em grupos domésticos de uma comunidade quilombola localizada no município de Santarém (PA). A pesquisa foi conduzida por meio da observação participante, complementada por entrevistas e revisão bibliográfica. Conclui-se que o cuidado se configura como uma tecnologia marcada pelas relações de gênero e que o manejo de plantas integra o processo educativo desses grupos, articulando a organização social à configuração de espaços que extrapolam os limites da casa.

Boa Leitura!

## Referências

- BELLACASA, Maria Puig de la *et al.* O pensamento disruptivo do cuidado. *Anuário Antropológico*, 48 (1), 2023.
- CAILLÉ, Alain. Dádiva, care e saúde. *Sociologias*, 16 (36), 2014.
- CARRASCO, Cristina; BORDERIAS, Cristina; TORNS, Teresa. *El trabajo de cuidados: historia, teoría y políticas*. Barcelona: Catarata, 2019.
- D'ARGEMIR, Dolors Comas. El don y la reciprocidad tienen género: las bases morales de los cuidados. *Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia*, 2 (22), 2017.
- DROTBOHM, Heike. O Cuidado além do Reparo. *Mana*, 28 (1): e281206, 2022.

ENGEL, Cíntia Liara; FIETZ, Helena. Apresentação do Dossiê: O Cuidado e suas Matérias: diálogos entre a antropologia do cuidado e os estudos sociais da ciência e tecnologia. *Anuário Antropológico*, 48 (1), 2023.

ENRÍQUEZ, Corina Rodríguez. Economía feminista y economía del cuidado. Aportes conceptuales para el estudio de la desigualdad. *Nueva Sociedad*, 256 (1), 2015.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. *O Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2023.

FERNÁNDEZ-LORCA, María Beatriz; ORTIZ-RUIZ, Francisca. Presentación del dossier Cuidados y mujeres en América Latina. Íconos. *Revista de Ciencias Sociales*, 82, 2025.

GLENN, Evelyn Nakano. *Forced to care: coercion and caregiving in America*. Cambridge: Harvard University Press, 2010.

GILLIGAN, Carol. *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GOMES, Fabio de Medina da Silva. Um apego que faz mal: reflexões sobre o trabalho do cuidado e os discursos sobre o amor. *Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo*, 5, 2021.

GOMES, Fabio de Medina da Silva. Quadriilha de sequestradores: as representações jurídicas sobre as trabalhadoras domésticas remuneradas. *Revista Estudos de Política*, 13, 2022.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Editora Schwarcz/Companhia das Letras, 2020.

HIRATA, Helena. *O cuidado: Teorias e práticas*. São Paulo: Boitempo, 2022.

HIRATA, H.; DEBERT, G. G. Apresentação. *Cadernos Pagu*, 46 (1), 2016.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. Berkeley: University of California Press, 1983.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. *The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling*. Berkeley: University of California Press, 2012.

HOCHSCHILD, Arlie Russell; MACHUNG, Anne. *The Second Shift: Working Parents and the Revolution at Home*. New York: Viking Penguin, 1989.

OFFENHENDEN, María. La antropología en los debates actuales sobre el cuidado. *Quaderns-e de l'Institut Català d'Antropologia*, 22 (2), 2017.

SORJ, Bila. Estudos sobre o cuidado na sociologia: a contribuição de Nadya Araújo Guimarães e Helena Hirata. *Sociologia & Antropologia*, 11 (3), 2022.

TOLEDO, Victor; BARRERA-BASSOLS, N. *La Memoria Biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales*. Barcelona: Icaria, 2008.

TRONTO, Joan. *Moral Boundaries: A Political Argument for an Ethic of Care*. New York: Routledge, 1993.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistenciais. *Sociedade & Estado*, 22 (2), 2007.

VOLUME 13  
NÚMERO 32  
(MAIO/AGO.2026)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS  
DOSSIÊ TEMÁTICO:  
**MASCULINIDADES, CURSO  
DE VIDA E CUIDADO**

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE MARÇO  
DE 2026**

COORDENADORXS:  
DR. ESMAEL ALVES DE OLIVEIRA (UFGD)  
DR. MARCOS NASCIMENTO (FIOCRUZ)  
DR. CAMILO BRAZ (UFG)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

# 32

VOLUME 13  
NÚMERO 33  
(SET./DEZ.2026)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS  
DOSSIÊ TEMÁTICO:  
**ÉTNOGRAFIA, ESCRITA DE SI  
E ESCRITA ENTRE OS SEUS:  
EXPERIMENTAÇÕES,  
DESAFIOS  
E POTENCIALIDADES**

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE JULHO  
DE 2026**

COORDENADORXS:  
DR. DR. LEANDRO DE OLIVEIRA (UFMG)  
DR. DR. FELIPE TUXÁ SOTTO MAIOR CRUZ (UFBA)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

# 33

VOLUME 14  
NÚMERO 34  
(JAN./ABR.2027)

# ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE  
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS  
DOSSIÊ TEMÁTICO:  
**CIDADES EM DISPUTA:  
GÊNERO, RAÇA, SEXUALIDADE  
E OUTRAS DIFERENÇAS  
NA PRODUÇÃO DO  
ESPAÇO URBANO**

**PRAZO FINAL  
DE SUBMISSÃO:  
30 DE NOVEMBRO  
DE 2026**

COORDENADORXS:  
DR. DR. GUILHERME R. PASSAMANI (UFMS)  
DR. DR. FRAMON PEREIRA DOS REIS (UFPA)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

# 34